

O RECIFE: OS ESPELHOS DO PASSADO E OS LABIRINTOS DO PRESENTE OU AS TENTAÇÕES DA MEMÓRIA E AS INSCRIÇÕES DO DESEJO

*Antonio Paulo Rezende**

Resumo

O artigo faz uma articulação da História com a Literatura, numa reflexão sobre o “ser” da cidade do Recife. A referência básica é o livro de Ítalo Calvino, *As cidades invisíveis*, obra com a qual se estabelece um diálogo constante, na perspectiva de pensar conceitos importantes como memória e tempo, além de buscar novas formas de narrativa preocupadas com a dimensão estética do texto.

Palavras-chave

Cidade; história; cultura; memória.

Abstract

*The article deals with relations between history and literature in order to reflect on the “being” of Recife as a city. The basic reference is Italo Calvino’s book *The Invisible Cities*, with whom a constant dialogue is established in the perspective of reflecting on some important concepts such as memory and time. Besides, the article searches for new forms of narrative concerned with the aesthetics of the text.*

Keywords

City; history; culture; memory.

* Professor do Departamento de História da UFPE.

É uma convicção profunda minha: não sabemos que nomes temos. Sei que me chamo José Saramago, mas o que isso significa? Quem sou eu de fato?

José Saramago (Entrevista a *Folha de São Paulo*, 17/10/97).

I

A cidade tornou-se tema de diversas análises da historiografia, passando a ocupar um lugar de destaque como objeto de estudo nos trabalhos acadêmicos. Muitas dessas análises preocuparam-se, inicialmente, com a dimensão econômica, enfatizando o domínio do capital sobre o trabalho, a degradação existente devido ao regime de exploração dos assalariados e à concentração de riqueza nas mãos dos proprietários dos meios de produção. Assim, a cidade parecia oprimida pela disciplina imposta pelo modo capitalista de produção e seus sujeitos submersos num cotidiano sem maiores perspectivas de mudanças. Mas a cidade tem sido também tema de historiadores considerados da Nova História, preocupados em utilizar fontes alternativas que revelem os eixos da vivência cotidiana e a construção do moderno no amplo sentido, de busca do novo e da novidade. Vale destacar trabalhos como os de Carl Schorske (*Viena, Fin de Siècle*), Otto Friedrich (*Olympia-Paris no tempo dos impressionistas*), Eugen Weber (*França, Fin de Siècle*), entre tantos outros.

Nada mais exemplar e fabuloso, porém, sobre o “ser” das cidades do que *As cidades invisíveis* de Ítalo Calvino. A imaginação de cidades com cartografias inusitadas, com nomes femininos misteriosos, os diálogos do sultão com Marco Polo, são inscrições de uma beleza que se instalam na nossa memória imperecivelmente. Com Calvino as cidades ganham uma dimensão bem diferente das análises que as circunscrevem aos limites da produção de mercadorias ou do ir-e-vir incansável das prestações de serviços. Os encantos do texto mostram que as cidades representam mudanças e permanências, imaginários e cotidianos, heterogêneos e grandiosos, para quem as vive, para quem as pensa, para quem se envolve com as suas histórias. As histórias das cidades não podem resumir-se ao jogo da economia ou às funções sociais de seus habitantes. Com Calvino, pode se estabelecer traços que desenham uma articulação entre a literatura e história, enquanto conteúdo e forma de construção dos textos.

O imprevisível é constante para quem espera o linear nas cidades de Calvino. Quem pode esquecer de Zaíra com seus altos bastiões, de Anastácia com seus enganos, de Ispásia com suas lagoas azuis, de Adélma com suas multidões lotando as vielas, de

Perínia edificada sob a tutela dos astrônomos, de Veneza cidade emblemática que não sai da memória de Marco Polo, o exímio contador de história, talvez a síntese de toda essas divagações de Calvino, com sua magia que transcende todas as outras descritas pela criação do autor. Assim, o encanto e a surpresa se mostram numa ficção que não está dissociada daquilo que convencionamos chamar de real. Os textos de Calvino nos levam, inclusive, a questionar se haveria, efetivamente, essa dissociação.

Como afirma Marco Polo, respondendo às indagações insistentes do sultão sobre o significado de Veneza:

As margens da memória, uma vez fixadas com palavras, cancelam-se. Pode ser que eu tenha medo de repentinamente perder Veneza, se falar a respeito dela. Ou pode ser que, falando de outras cidades, já a tenha perdido pouco a pouco.¹

A memória cria seus emblemas, pois suas perdas são constantes e ela fica mergulhada nas dimensões dos múltiplos tempos subjetivos e objetivos. Até onde nos territórios da memória se misturam invenção e realidade? Até onde a idéia do real não sintetiza a nossa busca por uma objetividade que nos decifre enigmas que, como ducdes, ocupam a história ?

As cidades se instituem como um grande cenário aberto para o infinito. É extremamente difícil saber das suas origens, quem foram seus “verdadeiros” fundadores. Não é à toa que não se pode investigar as suas histórias dissociadas de seus mitos, de suas lendas, de suas assombrações, mesmo na modernidade cartesiana. As tecnologias e as invenções modernas não conseguiram esmagar a magia que, ainda, compreende o ser de cada cidade, sua diversidade inesgotável. Como a grande moradia dos homens, a cidade se esconde com máscaras das mais inesperadas formas, como páginas de um livro que sempre remete o leitor para uma contemplação do seu mundo interior, do seu devir que lhe tira o sossego. Pode ser o lugar para se viver cem anos de solidão, como *Macondo* de Gabriel Garcia Marquez, ou o espaço privilegiado de negócios, de mistura de culturas e de ansiedades, como Nova York.

O inferno e o paraíso convivem, no seu território, que não pode ser medido, apenas, pelo espaço físico, mas sim pelos espaços das lembranças e dos esquecimentos que vão sendo construídos no seu cotidiano, onde a imprecisão torna-se uma regra desafiante e plena de fantasias. No filme *Amarcord* de Fellini (1973), contemplamos imagens que

1 I. Calvino. *As cidades invisíveis*. São Paulo, Companhia das Letras, 1990, p. 82.

revelam muito dos significados da convivência histórica dos habitantes das cidades. As recordações do cineasta italiano causaram um grande tumulto e especulação na sua cidade de origem. Todos queriam se ver no filme, encontrar-se com o passado, com as paisagens e os rituais da sua cidade. Fellini negava, porém, que tivesse intenções de fazer um filme que revelasse as aventuras de seus antigos companheiros. No filme *Shorts Cuts* de Robert Altman (1993), o grande vazio do cotidiano pós-moderno, com a banalização da violência e a prevalência da mesmice, invade de tédio as cidades governadas pela técnica e suas máquinas autoritárias. O filme é o espelho de uma sociedade de fragmentos, de indivíduos atomizados, desencantados com a aventura da modernidade. Nem por isso, nega a imprevisibilidade que marca o cenário da história.

II

O Recife possui memórias que atravessam sua história, sem perder sua dimensão da magia e do mistério. Os espelhos do passado se misturam com os labirintos complexos do presente. Há cidades que procuram fugir do seu passado, destruir sua memória, como se isso garantisse sua identidade moderna. Embriagam-se com a mística do progresso. É uma fuga que, apenas, significa o naufrágio artificial do passado e da tradição, criando mistificações, quebrando seus espelhos com espadas de demônios ensandecidos que arquitetam uma história linear e se ligam num futuro que pode significar o próprio apocalipse.

Não é um exagero se afirmar que, muitas vezes, a história se veste de uma escatologia onde anjos e demônios buscam se apropriar das trombetas que anunciarão o juízo final. Isso, inclusive, é uma marca dos fins de milênios. Como os homens, as cidades também morrem ou se suicidam, acreditam que são portadoras de um destino que os planejamentos modernistas não conseguem dominar. Tudo isso não nega, porém, a sua possibilidade de renascimento, pois a cidade tem seus emblemas e símbolos, suas vestes brilhantes e opacas, suas sortes e seus azares. Como bem disse Caetano, em *Sampa*, “Narciso acha feio o que não é espelho”. Nem sempre lá estarão as mesmas paisagens, ruas, vielas, edifícios que, muitas vezes, são incorporados à complexa identidade da urbe contemporânea. Resta ao poeta denunciar a perplexidade e o desvario, traduzindo um sentimento geral de sentir-se estranho. A cidade é também lugar de afirmação de mitos, de comemorações e rituais que revelam a sobrevivência de um tempo circular.

O envolvimento com o tempo, a construção de lembranças e esquecimentos são, portanto, operações da escrita da história. O Recife não escapa dessas operações. Suas fortes vinculações com o passado convivem com as constantes modernizações seculares que nos remetem ao domínio holandês. Quem pode esquecer todo um imaginário que se criou a partir dos feitos de João Maurício de Nassau? Até hoje se discute se a cidade não teria um outro destino, caso continuasse sob o “progressista” domínio dos flamengos. Na história do Recife, o passado tem uma presença, praticamente, demolidora com relação aos seus projetos para o futuro. Existe um desequilíbrio, se nos apropriamos das análises freudianas para explorar a construção das identidades na história. Os mortos parecem governar os vivos, imobilizar seus sentimentos, frustrar seus desejos, desfigurar suas utopias. Fala-se do Recife Antigo como se ele tivesse um encanto inusitado, como uma condenação às trivialidades do Recife Moderno. Assim, a cidade sobrevive e não consegue ultrapassar os limites que a memória dominante lhe impõe. É uma permanência soberana que teima em se fazer resistente e, aparentemente, inexpugnável.

O Recife parece continuar sendo um grande porto, onde os navegantes temem chegar para não serem enfeitiçados ao contemplarem os grandes espelhos que formam a arquitetura desse imaginário que penetra e reatualiza seu passado, lembrando o historicismo de Dilthey, quando analisa a relação sujeito e objeto na construção do conhecimento histórico. Como as cidades fabulosas de Calvino, o Recife é uma cidade onde seus prédios modernos, suas avenidas povoadas de máquinas poluentes e velozes, não conseguem tornar tênue a lembrança do passado. Assim a cidade pode tomar a forma de um imenso labirinto histórico, onde o invisível é mais marcante do aquilo que é concreto e tem forma definida. As formas da cidade multiplicam-se a partir dos olhares de seus habitantes, dos seus desejos e dos seus desesperos.

O Recife se torna um cenário onde o império das lembranças gloriosas consegue conviver com as mais indescritíveis misérias. O presente é vivido com as dificuldades que enchem o cotidiano de incertezas e receios que deixam espaços mínimos para construção das utopias, mas grávido de nostalgias e lembranças. Em plena era do simulacro, das invenções pós-modernas, o Recife não se deixa vencer, totalmente, pelas folias que misturam frevo, maracatu, axé *music*. Conserva seus lugares onde se pode dialogar com o passado das mais variadas formas: lamentando-se das perdas ou superestimando os ganhos, mostrando que as travessias benjaminianas das memórias invadem nosso coração, não só em busca de um tempo proustiano, mas dos próprios significados da vida.

Ao querer esconder seus desencantos, o outro Recife fecha suas portas para o sonho e o desejo. Ainda se ouve o murmurar de vozes estrangeiras que anunciavam os doces lucros advindos do comércio do açúcar. Na época do domínio holandês, o Recife fez um pacto com a modernização, a cidade cresceu de maneira impressionante, parecendo se antecipar, no tempo, às novidades que ocupariam o mundo americano tão ambicionado pelos europeus. Existe toda uma produção historiográfica, na qual se destacam os historiadores José Antônio Gonsalves de Melo e Evaldo Cabral de Melo, que retratam o significado do chamado mundo holandês em terras pernambucanas.

Não podem ser esquecidas, também, as análises de Gilberto Freyre de grande valor e originalidade para se falar de uma identidade pernambucana. Freyre lamentava, já na década de 20, os danos que as invenções modernas traziam ao fragmentar as tradições históricas. Propunha-se a articular o moderno com o tradicional, pouco preocupando-se que lhe chamassem de um autor contraditório. Dizia-se amante do paradoxo. Como Narciso se autocontemplava na relação com sua cidade que ele mesmo considerava misteriosa e atraente. Como poucos dialogou com as ambigüidades recifenses, sem cerimônias. No artigo publicado no *Diário de Pernambuco* (30-3-1924), Freyre considerava sua memória, para criticar o progresso:

Menino, ainda, conheci no Recife os velhos “bonds” tirados a burros, morosos e bons. Eram tão lentos que faziam esquecer o tempo. Eram uma escola de paciência. Mas pitorescos. Deliciosamente pitorescos. E tanto a velhice como a gordura feminina tinham então garantido os seus direitos. Agora, com os vertiginosos elétricos, raro é o dia em que me não é dado aos nervos o “Frisson” de assistir a alguma acrobacia de possibilidades trágicas ou macabras.

No mesmo artigo ressalta: “A morte da cortesia nos elétricos é inevitável. A cortesia passou a saia-balão e a diligência e o “bond” de burro. A vida moderna não permite doces vagares em que outrora se requintava a gentileza”. Mas acrescenta:

Não estou a querer nos condutores dos nossos elétricos suaves maneiras de secretários de legação. Mas o que me parece é que a “Tramways”, como a administração dos Correios – em cujos “guichets” a venda dum ou o registro de uma carta assume o ar de imenso obséquio da parte do funcionário para com o público – bem podiam exigir dos seus empregados, com o traquejo técnico, ligeiras noções de cortesia. Mesmo porque a vida no Recife não é assim tão intensa que não permita um pouco dos vagares delicados de outrora.

III

A sacralização do passado faz parte do olhar romântico sobre a cidade do Recife. A bela obra de Mário Sette não deve ser esquecida nessas lembranças, seguindo os mestres do romantismo europeu das primeiras décadas do século XIX, tão inspiradores dos nossos intelectuais preocupados com a identidade nacional. O Recife apresentava-se como uma reserva ímpar dessa nacionalidade: a cidade de lutas e resistências, rebelde e preocupada em romper com a metrópole. A tradição heróica se espalhou pelo século XX, convivendo com o patrimonialismo e o patriarcalismo até mesmo nos meios intelectuais. Nas primeiras décadas do século, ocorreram greves dos trabalhadores urbanos e a cidade continuou sendo cenário de rebeldias. Nos acontecimentos de 1930 e 1964, o Recife procurava caminhos, visualizava utopias, mas terminava por mergulhar no cotidiano da derrota e da desesperança. O moderno e o tradicional apresentavam-se com os mais variados disfarces, faziam parte do cotidiano social e cultural.

As crises econômicas constantes, a perda do prestígio político, a falta de sensibilidade de muitos dos seus agentes ditos modernizadores, reforçaram mais a instância do sagrado. A cidade parece estar imobilizada, apesar do movimento intenso dos seus habitantes, da sua fama de cidade cruel. Na política, conviveu e convive com artesãos que fazem dos cochichos e dos acordos inesperados uma arte singular na construção do poder. A rebeldia apresenta-se, aos olhos do presente, como um fantasma de tempos muito distantes. As ditaduras mais recentes, com seus interventores, foram decisivas para que esse fantasma tomasse forma. As vozes foram emudecidas pela violência e não pela persuasão. Politicamente, a cidade desfigurou-se, perdeu seus espelhos, seu fio de Ariadne. Muitos dos seus moradores cruzam suas ruas desconhecendo os embates que nela aconteceram.

O Recife deixou seus sonhos para viver pesadelos políticos, com o golpe militar de 1964 e suas claras intenções repressoras, formador de uma elite conservadora mais preocupada com a forma do que com a ação cidadã, de uma plasticidade política assustadora que consegue manipular, sem culpas evidentes, os mecanismos de dominação. Assim se constroem um imaginário sobre o passado e um receituário de perspectivas para o futuro que não admitem insubordinações. Vive-se a ordem, como lema inquestionável. Caímos na monotonia que idiotiza a imaginação.

Os novos sujeitos sociais são criados como cidadãos da economia, espectadores da história e pouco interessados em rememorar as lutas e os conflitos políticos. As elites dominantes se incorporam ao poder central sem questionamentos, ajudando a desman-

telar os núcleos de resistência e não suportando conviver com a crítica. Para isso, a cidade tem que aprender sua história transformando a relação entre passado e presente numa relação estática, subordinando o presente, fazendo uma tradução do passado como tempo dissociado e irreversível, merecedor de contemplações e não de reflexões. A cidade não deixa de ser um cenário, mas os atores perdem sua autonomia ou se tornam marionetes. Como diria Jean Baudrillard, vivemos à sombra das maiorias silenciosas. Um silêncio que dói, um silêncio de pacto com a mesmice, um silêncio que esvazia a história e presentifica a vida. Perde-se a dimensão do instituinte, a “poêsis” da história.

Os atores terminam por reproduzirem o texto, pois a rebeldia significa falta de talento para entender as excelências da trama. Escutam-se murmúrios, alguns atores se inquietam e rasgam o texto, porém, são, muitas vezes, punidos com o anonimato, com o fechar das cortinas. A cidade refaz seus cenários como se sua história não existisse. O Recife perde sua ligação com o passado na perspectiva da reinvenção. Como na simbólica e forte alegoria kafkaniana da *Metamorfose*, surpreende-se com seu corpo, demora a se reconhecer, se deixa levar por vozes que prometem o fim de todos os males, desordens, misérias, em mais uma falácia do desenvolvimentismo escatológico, com suas mortalhas carnavalescas transformadas numa mercadoria de luxo e de objeto de desejo, profundamente sedutor.

A sua alma invisível passa a ser escravizada pelo medo da perda que se transforma num grande fantasma do seu cotidiano. Vive seu lazer, mais esperado, nos finais de semana das praças de alimentação dos “*shoppings centers*” ou na esperança de ser contemplada nos sorteios monumentais dos programas de televisão. Eis o estranho humor das famosas pegadinhas, das disputadas olimpíadas dominicais, sem direito a repouso, mas ansiosa para magicamente apropriar-se de uma riqueza messiânica, prometida pelos profetas da imagem, com nomes muito pouco bíblicos (Faustão, Gugu, e o mestre Sílvio Santos), numa celebração chaciniana da vida.

IV

A história do Recife ganha uma outra dimensão, quando conseguimos transcender esse olhar fixo que se restringe às mesmas imagens. Diante desse discurso que se repete resta ouvir o conselho de André Breton e Paul Éluard: “Não leias. Olha as figuras brancas desenhadas pelos intervalos separando as palavras de várias linhas dos livros e

inspira-te nelas”. Ou ainda: “Põe a ordem no seu lugar, desarruma as pedras da estrada.”² Não se pode, então, pensar a partir de um olhar fixo que esconde a diversidade. Sacralizar momentos do passado não é monopólio dos nossos historiadores, por mais que se queira garantir a cientificidade da história como os positivistas mais ferrenhos. A pós-modernidade não acena apenas com o niilismo, mas também com a quebra de paradigmas e preconceitos, ela não é ruína renomeada das vivências modernas, é, sobretudo, um outro tempo.

É na multiplicidade que podemos nos aproximar das histórias, ouvindo vozes e silêncios que estavam aprisionados. Como ainda afirmam Eluard e Breton: “Dá aos sonhos que esqueceste o valor daquilo que não conheces.”³ Olhando as figuras brancas, desarrumando as pedras da história, retomando sonhos que parecem mortos, poderemos atravessar o labirinto e conviver com seus fantasmas. Eles representam criações da nossa cultura, não adianta aprisioná-los, mas sim entender as suas simbologias.

A história produz-se a partir dos confrontos, das permanências e da problematização. Não há um ponto final que encerre o discurso. Jorge Luís Borges, no seu livro *El hacedor*, faz uma reflexão interessante. Conta que ao fechar os olhos vê uma bando de pássaros, mas não consegue definir quantos são e afirma que se Deus existisse ele saberia definir a quantidade de pássaros. E se Deus não existir? O número torna-se indefinido e acrescenta:

*En tal caso, vi menos de diez pájaros (digamos) y más de uno, pero no vi nueve, ocho, siete, cinco, cuatro, tres o dos pájaros. Vi un número entre diez y uno, que no es nueve, ocho, siete, seis, cinco etcétera. Ese número entero es inconcebible; ergo Dios existe.*⁴

V

A história de uma cidade não se esgota, porém ao se aproximar da sua memória, aquele que a vive pode iludir-se com a possibilidade de retê-la na sua totalidade. Por isso, o trabalho do historiador tem uma dimensão decifradora, na medida em que consegue criar diálogos entre os tempos históricos. O passado do Recife não está imobi-

2 A. Breton e P. Elouard. *A Imaculada Conceção*. Lisboa, Estúdio Cor. s/d, p. 97.

3 Breton e Elouard, op. cit.

4 J. L. Borges. *El hacedor*. Buenos Aires, Émecé, 1960, p. 17.

lizado. As perguntas do presente não deixam que a história se ossifique. A tradição e a modernidade não são antagônicas em todos os sentidos, mas se completam. Como afirma Baudelaire, no seu texto “O pintor da vida moderna”:

O passado é interessante não somente pela beleza que dele souberam extrair os artistas para quem constituía o presente, mas igualmente como passado, por seu valor histórico. O mesmo ocorre com o presente. O prazer que obtemos com a representação do presente deve-se não apenas à beleza de que ele pode estar revestido, mas também à sua qualidade essencial do presente.⁵

A modernidade se apóia em tradições, apesar dos contrapontos, das releituras que faz da tradição e de se apresentar como um tempo de rupturas contínuas. Sem a problematização, o passado torna-se um imenso espelho que nos impede de fazer uma sinfonia dos tempos, portanto cancelando os sonhos, aumentando, cada vez mais o território do medo. O que foi vivido, contudo, se encontra, constantemente, com o que está sendo vivido. Não importam as dissonâncias, tudo tem sua representação na história. Basta se desfazer do olhar fixo, para sentir que, nas cidades, os espelhos são quebrados, sem grandes obstáculos, e as ruínas possuem significados, mas a complexidade dos labirintos do presente é que paralisa os sujeitos históricos. Querer reduzi-los à mesmice da sociedade de massas ou lançá-los para o futuro sem que se conheçam suas tradições, é fazer com que a cidade deixe de ser um cenário e passe a ser uma prisão ou tristemente a cidade dos homens sem tempo.

Ítalo Calvino, nem por isso, deixaria de incluir a cidade na fantasia das suas fábulas, com sua alma visível e seu valor de troca dando ritmo às especulações dos que transformam o mundo num grande e imenso mercado, onde as coisas substituem os homens e os homens se olham como coisas. Não importando seu nome, nem as suas lembranças, mas sua “competência” para viver a “modernidade”, globalizada ao som repetitivo e, paradoxalmente, atraente do *plim, plim*, a marca de fantasia mais envolvente e consumida na famosa Terra de Santa Cruz, “abençoada por Deus e bonita por natureza”, como canta Jorge Benjor, antes conhecido como Jorge Ben.

Talvez, fosse interessante lembrar uma outra cidade imaginada por Calvino: Zora. Segundo ele, a viagem de Marco Polo para visitá-la foi inútil, pois “obrigada a permanecer imóvel e imutável para facilitar a memorização, Zora definiu, desfez-se e

5 C. Baudelaire. *A modernidade de Baudelaire*. São Paulo, Paz e Terra, 1988, p. 160.

sumiu. Foi esquecida pelo mundo”⁶. No país do esquecimento, a relação com a memória termina por ser, muitas vezes, inscrita de ambigüidades incríveis que deixa o historiador angustiado com os registros que consegue organizar, onde a imaginação histórica tem uma importância fundamental.

O contar a história não deve se resumir, portanto, a uma cronologia precisa de datas e nomes, mas a um diálogo incessante entre o passado e o presente, pois a história não se limita a um sentido único, ela é um devir que não conseguimos aprisionar com as nossas frágeis e mutantes certezas. Um devir que cabe aos homens inventar. Como afirma Octavio Paz

*el valor supremo no es futuro sino el presente; el futuro es un tiempo falaz que siempre nos dice “todavía no es hora” y que así nos niega. El futuro no es el tiempo del amor: lo que el hombre quiere de verdad, lo quiere ahora. Aquel que construye la casa de la felicidad futura edifica la cárcel del presente.*⁷

Cada trecho da história, como fato ou representação, é uma síntese de complexidade labiríntica. A história da cidade do Recife não revela, exclusivamente, as aventuras nela vividas, mas também guarda uma universalidade marcante, tem um pouco da história de cada cidade, não importando a sua localização, nem tampouco a forma da sua arquitetura. Há um mal-estar generalizado na construção da cultura. Ele está registrado nos desejos, nos medos, nas fantasias de cada homem. Ele é o resultado da impossibilidade de se alcançar um equilíbrio definitivo e inquestionável que fizesse nos refazer de uma perda mítica original, que parece nos perseguir, para a qual não conseguimos criar um tradução clara e elucidativa da nossa incompletude.

O historiador é, sobretudo, um narrador perplexo dessas tantas buscas, onde o real e o imaginário escondem enigmas que não se esgotam. As histórias das cidades são, portanto, pretextos, para que ele possa, se possível, desvendar esses enigmas. Como afirma João Guimarães Rosa, em *Grande Sertão: Veredas*:

Contar é muito dificultoso. Não pelos anos que se já passaram. Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas-de fazer balancê, de se remexerem dos lugares. O que falei foi exato? Foi. Mas teria sido? Agora acho que nem não. São tantas horas de pessoas, tantas coisas em tantos tempos, tudo miúdo recruzado.⁸

6 Calvinho, op. cit., p. 20.

7 Paz, O. *Posdata*. 24^a ed. México, Siglo XXI, 1991, p.101.

8 J. Guimarães Rosa. *Grande Sertão: Veredas*. 20^a ed. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1986, p. 172.

E ainda na vereda de Guimarães: “ Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo as coisas de rasa importância” (p. 92). No “sucedido desgovernado”, no desalinhavado do texto, talvez esteja o encanto maior do texto: seu olhar sobre o mundo e os homens que são os construtores dos enigmas.